Revista Brasileira de Agroecologia
Rev. Bras. de Agroecologia. 8(2): 100-111 (2013)
ISSN: 1980-9735

Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda-Sergipe

Characterization and development of productive agroecological gardens in community Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda-Sergipe

SANTOS, Amaury da S. dos[1]; OLIVEIRA, Lanna C. L. de[2]; CURADO, Fernando F.[3]; AMORIM, Lucas O. do[4]

[1]Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju/SE, Brasil, amaury.santos@embrapa.br; 2Mestranda em Agroecologia, UFPB, Bananeiras/PB, Brasil, lannacecilia@yahoo.com.br; 3Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju/SE, Brasil, fernando.curado@embrapa.br; 4Graduando em Engenharia Florestal - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju/SE, Brasil, lucasdoamorim@hotmail.com.

RESUMO: Este trabalho objetivou caracterizar os quintais produtivos da Ilha Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda, Sergipe (Brasil) e criar unidades demonstrativas (UD) com base na produção agroecológica. A partir de metodologias participativas foram caracterizadas plantas e animais existentes em 13 quintais, assim a forma de manejo realizada nesses espaços, observando a importância e a função exercida pelos quintais para os moradores. Foram constatadas 49 espécies vegetais sendo que o coco (*Cocos nucifera* L.) e a manga (*Mangifera indica* L.) se destacaram por suas freqüências. Foram encontrados animais de pequeno porte, principalmente aves, que são utilizados na dieta das famílias. Foi criada uma UD com o objetivo de trocar experiências de cunho agroecológico, valorizando o saber tradicional, no sentido de incrementar os quintais. Os quintais produtivos caracterizaram-se como um importante espaço para a disseminação de valores e conhecimentos, além da produção de alimentos que enriquecem a dieta dos moradores.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia, Biodiversidade, Comunidade tradicional, Metodologia participativa.

ABSTRACT: This study aimed to characterize backyards of the island Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda, Sergipe (Brazil) and create demonstration units (DU) based on agro-ecological production. From participatory methodologies were characterized plants and animals in 13 yards, as well as their way of handling performed in these spaces, noting the importance and function performed by the gardens for the residents. Have been found 49 plant species and the coconut (*Cocos nucifer*a L.) and mango (*Mangifera indica* L.) stand out for their frequencies. There were small animals, especially birds, which are used in the household diet. Created a DU in order to exchange experiences of agro-ecological nature, valuing traditional knowledge in order to enhance the gardens. The yard presented itself as an important platform for the dissemination of values and knowledge, besides the production of foods that enrich the diet of residents.

KEY WORDS: Agroecology, Biodiversity, Traditional Community, Participative methodology.

Correspondências para: amaury.santos@embrapa.br
Aceito para publicação em 28/01/2013

Introdução

Povos de diferentes etnias criam diferentes formas de interagirem com o meio ambiente, gerando não apenas fenômenos biológicos, mas também culturais. Assim, o estudo dos saberes locais é parte integrante dos processos de pesquisa que buscam compreender os valores que norteiam os sistemas de reciprocidades dessas comunidades com os ecossistemas, e a dimensão humana da biodiversidade.

A Agroecologia tem como princípio básico o uso racional dos recursos naturais e surge como mecanismo de transformação da situação atual da agricultura, preocupando-se não apenas com a cadeia produtiva e a renda, mas com a relação ser humano-ambiente, buscando modelos sustentáveis para o campo (GLIESSMAN, 2001; ALTIERI, 2002; CAPORAL et al, 2009). Segundo Petersen (2009) ela é um enfoque científico que fornece as diretrizes conceituais e metodológicas para a orientação de processos voltados a "refundação" da agricultura na natureza por meio da construção de analogias estruturais e funcionais entre os ecossistemas naturais e os agroecossistemas.

A agricultura familiar, por meio do conhecimento popular, exerce grande contribuição na elaboração de estratégias de desenvolvimento sustentável. Neste sentido, o quintal produtivo tem um papel fundamental nesse contexto, pois é um espaço de grande diversidade, de acesso fácil e cômodo, o qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais e alimentares da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais e criações de animais domésticos de pequeno porte como: galinhas, patos e cachorros (AMOROZO e GÉLY, 1988; BRITO e COELHO, 2000; LIMA e SARAGOUSSI, 2000; WINKLERPRINS, 2002), reduzindo a dependência por produtos externos, tendo como sua principal função a complementação da dieta dos moradores. Estes são espaços que se definem e se delineiam frente às necessidades das comunidades que habitam determinados locais, e que vão além dos limites do cultivo das plantas e criação de animais, e muitas vezes se confundem com as áreas de ocorrência natural das espécies.

Nessa perspectiva, realizou-se um estudo na comunidade Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda, estado de Sergipe, Brasil, com os objetivos centrais de efetuar a caracterização dos quintais produtivos dessa comunidade e criar uma unidade de demonstração com enfoque na produção agroecológica, com a finalidade de estimular a percepção das famílias no que se refere à Agroecologia, o aperfeiçoamento dos quintais produtivos, seus enriquecimentos e o fornecimento de estratégias para promoção da segurança e soberania alimentar da comunidade.

Material e métodos

O estudo ocorreu no povoado Mem de Sá que abrange uma área de 212,84 ha, e possui uma população de aproximadamente 75 famílias (em torno de 370 pessoas) que vivem há décadas em situação de isolamento geográfico em relação a sede do seu município, Itaporanga D'Ajuda – SE, por tratar-se de uma ilha fluvial (Figura 1). A vegetação predominante é a da mata atlântica, do mangue e da restinga. O povoamento da ilha foi iniciado por três famílias que, ao longo de várias gerações, estabeleceram uma profunda interação com o ecossistema local, que se insere na baixada litorânea, e que têm como atividade econômica predominante a captura de um crustáceo conhecido por aratu (*Goniopsis cruentata* Latreille, 1803) e a pesca de peixes como a tainha (*Mugil curema* Valenciennes, 1836) (CURADO et al., 2009).

Apesar do isolamento geográfico, a Ilha Mem de Sá (situada em 11º29'26"S e 37º06'46"W) possui grande beleza cênica e está localizada a apenas 23 km da sede do município e 53 km da capital do estado de Sergipe, Aracaju, o que favorece o emprego da mão de obra de alguns moradores nestes locais. No entanto, segundo Curado et al.

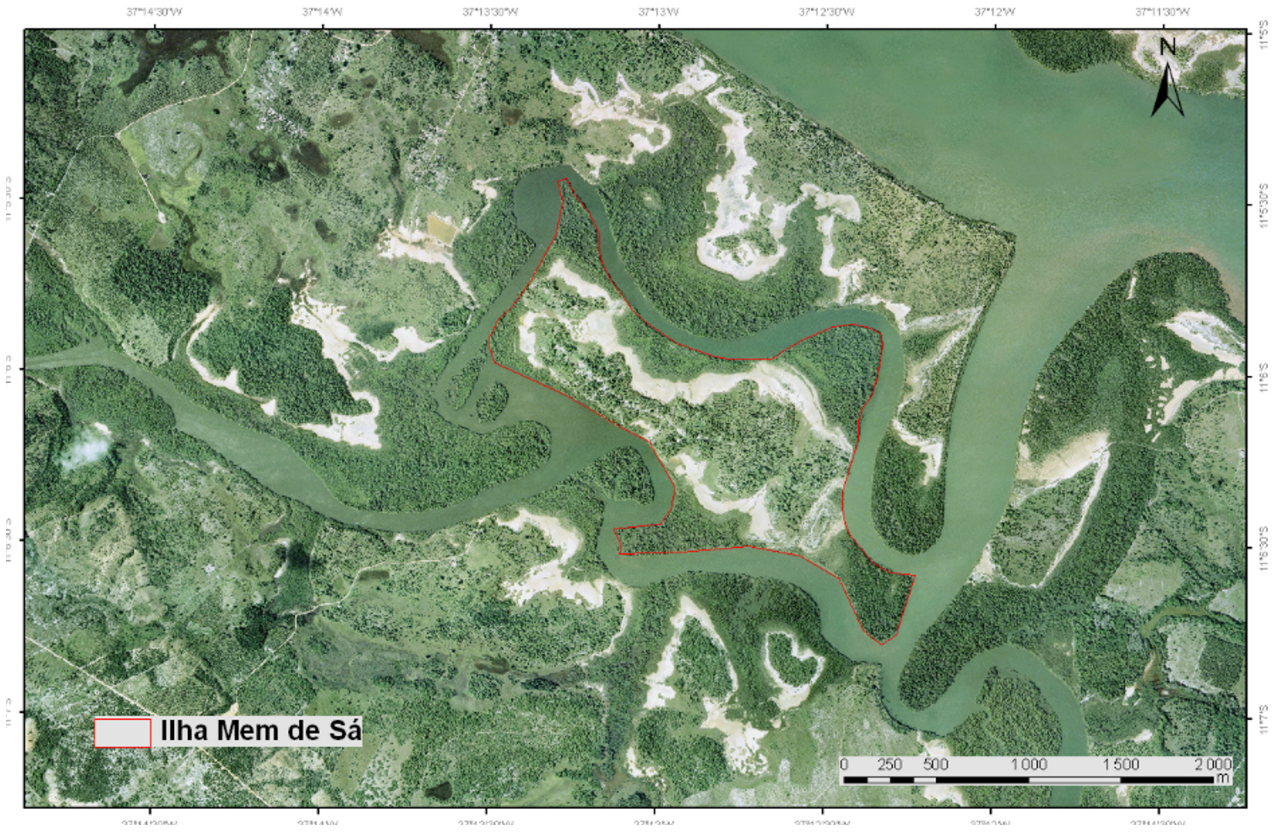

Figura 1: Localização da Ilha Mem de Sá (Circundada por linha em vermelho), município de Itaporanga D"Ajuda, SE. Fonte: Veja Sergipe – Visualizador da Base Cartográfica dos Municípios Litorâneos, adaptado (SEPLAN-SE/SUPES/GIGEC, 2008).

(2009), a maior parte da população se dedica à pesca (ainda abundante na região) no estuário do rio Vaza Barris, onde desenvolveram, ao longo do tempo, um saber ambiental extremamente relevante, porém ainda pouco valorizado, principalmente no que se refere a estratégias de gestão dos recursos naturais nesta localidade.

Para a realização do estudo foi utilizada a metodologia do Diagnóstico Rural Participativo de Agroecossistemas – DRPA que, em diferentes situações de investigação, é um elemento fundamental para o planejamento e execução de ações coletivas em projetos de desenvolvimento. Segundo Chambers (1989), o Diagnóstico Rural Participativo é um termo utilizado para designar "um conjunto de métodos e abordagens que possibilitam às comunidades compartilhar e analisar sua percepção acerca de suas condições de vida, planejar e agir".

A metodologia de DRPA utilizada neste estudo pautou-se pela utilização de técnicas que favoreceram a geração participativa de informações junto aos moradores da Ilha Mem de Sá. Nesse sentido, além da observação direta e da realização de entrevistas individuais semi-estruturadas (ALBUQUERUQE et al. 2010), foram constituídos espaços coletivos de discussão sobre a realidade local, objetivando-se a aplicação de

técnicas qualitativas de investigação (caminhadas transversais, mapeamentos) que permitiram a expressão de opiniões e a identificação de demandas tecnológicas relacionadas à produção agroecológica e também para a definição de um grupo de trabalho. Este grupo foi selecionado por meio de amostra não probabilística de seleção racional. Dentro do grupo a ser pesquisado utilizou-se o método "bola de neve", em que um informante indica uma ou mais pessoas que ele acreditaria ser dotada de experiência no assunto abordado (PENROD, et al 2003; e GOODMAN, 1961, apud ALBUQUERQUE, 2009). Dessa forma, um morador idoso, que morava há muito tempo na comunidade e conhecia todos os moradores da ilha, indicou as pessoas que estavam em constante contato com os quintais e após essa etapa, treze moradores foram convidados a participar das demais atividades.

Na técnica de caminhadas transversais, os treze quintais foram percorridos durante o primeiro mês de contato com a comunidade, com o acompanhamento dos moradores que descreviam todos os elementos que caracterizavam estes espaços, fazendo assim o reconhecimento primário da área. Essas informações eram registradas e posteriormente sistematizadas. Após esse exercício, foi utilizada a técnica do mapeamento, ou seja, o desenho dos sítios feitos em cartolina pelos membros dos quintais visitados (Figura 2), que permitiu a visualização das formas de manejo dos

Figura 2: Moradores da Comunidade Mem de Sá em Itaporanga D'Ajuda – SE, desenvolvendo atividade participativa, na qual estão desenhando seus quintais para análise e estudos junto com a equipe de pesquisadores.

quintais, favorecendo a compreensão da relação que as famílias desenvolviam com o arredor da casa. A partir do DRPA também foram identificadas, em conjunto com a comunidade, as suas demandas tecnológicas para, em seguida, determinar, pelos membros do grupo, o local onde seria instalada a unidade de demonstração com enfoque na produção agroecológica, objetivando o fortalecimento social e econômico da comunidade por meio da incorporação de novas tecnologias de base ecológica.

Após a familiarização com a área de estudo e moradores, o grupo deu início ao desenvolvimento de práticas ecológicas de manejo do solo. Na unidade demonstrativa foram realizadas oficinas de técnicas agroecológicas como a produção de adubo orgânico a partir da compostagem - técnica em que a matéria orgânica é decomposta através da ação de microrganismos em aerobiose; vermicompostagem em minhocário - processo em que o húmus é produzido através da ação das minhocas; esterco e biofertilizante; e produção agroecológica de hortaliças.

Resultados e discussão

Além de colaborar como a busca da segurança alimentar, os quintais da Ilha Mem de Sá configuram-se como espaços de preservação do conhecimento tradicional. Cada morador desenvolve uma maneira diferenciada de cuidar e utilizar os arredores de sua casa. Alguns priorizam as plantas medicinais e codimentares, outros preferem realizar o plantio de hortaliças. Esses usos dos espaços dos quintais produtivos tornam-se tradicionais no sentido de que são herdados e mantidos pelas gerações posteriores. Os moradores passam grande parte do seu tempo, quando não estão pescando, nos quintais, cuidando das plantações, ou praticando outras atividades como a fabricação dos artefatos de pesca, ou mesmo para descansar e conversar com os vizinhos, fato que destaca a importância desses locais para as tradições e na preservação da história local e laços culturais da comunidade.

Os moradores corroboram as análises de Brito e Coelho (2000), quando percebem os quintais como o espaço próximo da casa que serve para plantar. Segundo a afirmação de um dos agricultores:

> "*Pra mim o quintal é o arredor da casa onde a gente faz a horta, planta o milho...*".

Foram visitados 13 quintais, e nas respectivas moradias a partir das entrevistas semi-estruturadas foram obtidas informações socioeconômicas entre as quais, a que sete proprietários que cultivavam os espaços ao redor da casa eram do sexo feminino e seis do sexo masculino, constatando um equilíbrio em relação ao gênero na execução de tarefas nos quintais. Esse fato difere daqueles constatados na maioria dos quintais como demonstram os trabalhos de Santos (2004) e Amaral et al. (2008) em que as mulheres têm maior participação que os homens no manejo destes ambientes. Porém, na pesca, que é uma atividade de grande relevância econômica para a comunidade, existe uma divisão sexual do tipo de trabalho, onde as mulheres são responsáveis pela captura do aratu (*Aratus pisonii*), crustáceo típico da culinária da Ilha, enquanto os homens pela pesca dos peixes. Santana (2010) explica que o trabalho de coleta é menos valorizado em comunidades pesqueiras, onde o aprendizado do saber ligado à pesca é prerrogativa dos homens, cabendo à mulher outras atividades produtivas.

A faixa etária variou entre 35 e 63 anos, sendo que 26% apresentaram idade inferior a 40 anos, 30% entre 41 e 50 anos e 44% com idade superior a 50 anos. Percebeu-se assim que a maioria (74%) dos que cultivam os quintais possui idade acima de 40 anos, enquadrando-se nas faixas de adultos e idosos, demonstrando assim pouca participação dos jovens nas atividades dos sítios. Isso ocorre

porque os jovens geralmente vão para a escola e, no horário livre, as meninas auxiliam as mães nos afazeres domésticos, enquanto os meninos ajudam os pais na pesca. Esse desinteresse foi encontrado também em estudos realizados por Vieira (2002), que atrela esse fato à busca por melhores condições de vida na cidade. Simão (2001) observa em seu trabalho que os jovens estão deixando de aprender o trabalho na roça, principalmente devido ao grande tempo despendido entre a ida e vinda da escola, e ainda devido ao desinteresse dos jovens em trabalharem na mesma.

Apenas um dos entrevistados, com 63 anos, não nasceu no município de Itaporanga D'Ajuda, porém mora no mesmo há 51 anos. Essa permanência no município desde a infância da maioria dos habitantes da comunidade permite a construção de uma identidade cultural que é fortalecida pelos saberes e valores compartilhados. Essa identidade cultural resulta em uma história local fortemente marcada pelas relações de reciprocidade entre os habitantes.

A renda familiar foi analisada baseando-se no salário mínimo (R$ 510,00 – aproximadamente U$248,00) em agosto de 2010. Dos entrevistados, 61% afirmaram ter renda superior ou equivalente a um salário mínimo, enquanto que 39% recebiam menos que o piso salarial. Verificou-se também a ocorrência de recursos financeiros provenientes de aposentadorias e pensões. Em relação a outras fontes de renda, 54% dos entrevistados afirmaram que as mesmas tinham origem no manejo dos quintais através da venda do coco (*Cocos nucifera* L.), manga (*Mangifera indica* L.) e algumas verduras. Os demais afirmaram não possuir nenhuma renda dos quintais. Essa produção além de auxiliar na obtenção de renda extra, contribui também na redução de gastos com insumos externos, pois não precisam adquirir fora já que podem encontrar os alimentos em seus quintais, como pode ser verificado no trabalho em outros quintais conforme visto em Pasa (2004).

A caracterização dos quintais foi realizada por meio de caminhadas transversais, observação livre e análise dos mapas realizados pelos grupos onde se constatou a presença de pelo menos 49 espécies de plantas nos 13 quintais de uso dos moradores (Quadro 1). São cultivos utilizados principalmente para o auto-consumo e para comercialização do excedente. As culturas anuais, principalmente feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.) e milho (*Zea mays* L.), são cultivados no outono (março-abril, que é a época chuvosa) juntamente com as hortaliças que são semeadas em sementeiras e transplantadas para canteiros adubados com esterco e que são cultivadas até meados de setembro (época que as chuvas terminam). A irrigação é realizada por meio de captação de água da chuva, utilizando regador duas vezes ao dia (manhã e final da tarde), priorizando-se as hortaliças. Porém, muitos moradores ainda não realizam suas plantações devido à marcante escassez relativa de água, dado que a água que circunda a ilha é salgada (proximidade do mar) o que impossibilita seu uso. Além disso, existem poucos poços para atender toda a comunidade. Assim, priorizam a água dos poços para atividades domésticas (alimentação e higiene) e utilizam água da chuva nas plantações. Desta forma, a produção a partir de setembro diminui, permanecendo as frutíferas e a mandioca.

Na comunidade, a principal utilidade das plantas é na alimentação, o que é evidenciado também em Florentino et al. (2007), seguida pelo uso medicinal e condimentar. O mesmo autor também evidenciou em seu trabalho uma grande frequência de frutíferas nos quintais produtivos, fato que também foi observado na comunidade estudada, com maior destaque para a manga e o coco. A produção de manga é vendida individualmente pelos próprios moradores, ou seja, sem intermédio da associação

Quadro 1: Espécies vegetais identificadas em caracterização de 13 quintais na comunidade Ilha Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda, SE, Brasil.

Hortaliças	Abóbora (*Cucurbita pepo* L.), Batata (Solanum tuberosum L.), Cebolinha (Allium fistolosum L.), Coentro (Coriandrum sativum L.), Couve (Brassica oleracea L.), Inhame (Dioscorea spp.), Pimenta (Capsicum frutensens L.), Pimentão (Capsicum annuum L.), Quiabo (Abelmoschus esculentus L.), Tomate (Lycopersicum esculentum L.)
Medicinais	Anador (*Justicia pectoralis* Jacq.), Alfavaca (*Ocimum basillicum* L.), Babosa (*Aloe vera* L.), Boldo (*Vernonia condensat* Baker.), Capim Santo (*Cymbopogon densiflorus* (Steud) Stapf.), Erva Cidreira (*Melissa officinalis* L.), Hortelã (*Mentha piperita* L.), Malva Branca (*Malva sylvestris* L.), Manjericão (*Ocimum basilicum* L.), Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), Mentrasto (*Ageratum conyzoides* L.), Noni (*Morinda citrifolia* L.), Romã (*Punica granatum* L.), Saião (*Kalanchoe brasiliensis Cambess* (L.) DC.), Sambacaitá (*Hyptis pectinata* L.), Urucum (*Bixa orellana* L.)
Frutíferas	Abacate (*Persea americana* Mill.), Abacaxi(*Ananas comosus* (L.) Merr.), Acerola (*Malpighia glabra* L.), Araçá (*Psidium araca* Raddi.), Banana (Musa spp.), Cajá (*Spondias mombin* L.), Cajarana (*Spondias lútea* L.), Caju (*Anacardium occidentale* L.), Coco (*Cocos nucifera* L.), Fruta pão (*Rollinea mucosa* (Jacq.)Baill), Goiaba (*Psidium guajava* L.), Graviola (*Annona muricata* L.), Ingá (Inga edulis Mart), Jaca (*Artocarpus integrifolia* L.), Jambo (*Syzygium malaccense* L.), Jenipapo (*Genipa americana* L.), Laranja (*Citrus sinensis* L.), Lima (*Citrus limettioides* Tanaka.), Limão (*Citrus aurantifolia* Christm.), Mamão (*Carica papaya* L.), Manga (*Mangifera indica* L.), Mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes.), Maracujá (*Passiflora edulis* Sims.), Melancia (*Citrullus vulgaris* Schrad.), Pinha (*Annona squamosa* L.), Pitanga (*Eugenia unifloa* L.), Sapoti (*Achras sapota* L.), Siriguela (*Spondias purpúrea* L.), Tamarindo (*Tamarindus indica* L.), Uva *(Vitis vinifera* L.)
Culturas Anuais	Cana de açucar (*Saccharum officinarum* L.), Feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), Mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.), Milho (*Zea mays* L.)

de moradores existente na ilha, e de forma *in natura* na feira de Itaporanga D'Ajuda, porém, por não haver nenhum tipo de beneficiamento, grande parte é desperdiçada. O coco é vendido para atravessadores e na feira de Itaporanga D'Ajuda. As hortaliças produzidas por poucos moradores, principalmente tomate (*Lycopersicum esculentum* L.), pimentão (*Capsicum annuum* L.) e quiabo (*Abelmoschus esculentus* L.) são comercializadas na própria ilha, porém o principal interesse dos moradores é o seu plantio para o auto-consumo. Por se tratar de uma comunidade constituída em sua maioria por pescadores, a Associação de Moradores da Ilha Mem de Sá tem suas atividades focadas em assuntos relacionados à pescados e crustáceos. Assim, outras atividades, como a comercialização de produtos vegetais ou animais não são contemplados pela associação, nem mesmo para programas governamentais como o Programa de Aquisição de Alimentos e o Programa Nacional de Alimentação Escolar.

Percebeu-se uma grande diversidade de espécies medicinais e condimentares nos quintais, assim como a utilização destas pelos moradores. Próximo às casas, a maioria das famílias possui recipientes (vasos, latas, etc.) com plantas usadas para chás e temperos, diferentemente do que fora encontrado nos quintais estudados por Ambrósio et al. (1996). As espécies mais utilizadas foram o sambacaitá (*Hyptis pectinata* L.), também chamado pela comunidade de "canudinho" e a erva cidreira (*Melissa officinalis* L.), que são utilizadas na forma

de chás para gripe e problemas intestinais, respectivamente (SANTANA et al., 2006; SILVA e ANDRADE, 2005). O uso de plantas medicinais pelos moradores é uma prática corriqueira, tradicional e necessária, potencializada pela condição geográfica que dificulta o acesso aos serviços de saúde formais. Observou-se que o conhecimento sobre o uso dessas espécies mais significativo entre os idosos (tanto os homens quanto as mulheres), que aprenderam com os pais e atualmente transmitem os seus saberes para os filhos. Esse conhecimento entre os idosos pode ser observado também no estudo realizado por Badke et al. (2011), onde dos dez entrevistados, oito eram idosos, no entanto o número de mulheres era maior que o de homens.

Existe uma forte tradição na ilha, assim como na região, no cultivo de mandioca para a produção de farinha que anteriormente era realizada em uma casa de farinha na própria ilha. Esta foi destruída para construção de uma nova, no entanto, não recebeu do poder público municipal os equipamentos necessários para o processamento da mandioca, desestimulando os moradores a manterem esta atividade. Alguns moradores que ainda preparam a farinha deslocam-se para outro povoado, onde uma parte do trajeto é realizada de barco e outro á pé ou carona, para realizar o beneficiamento da produção que, de maneira geral, é utilizada para consumo próprio.

Os animais presentes nos quintais são de pequeno porte como galinhas (*Gallus gallus* domesticus), guinés (*Numida meleagaris*), gansos (*Branta sandvicensis*) e patos (*Anas platyrhynchos*), porém em pequena quantidade e destinam-se a produção de ovos e carne para consumo familiar. Estes animais são, em sua maioria, criados à solta sem uso de cercas, característica encontrada também por Ambrósio et al. (1996), o que muitas vezes causam prejuízos já que ocupam os mesmos espaços que o roçado, e prejudicam os plantios nos arredores das casas, principalmente nas plantas mais jovens. Foram encontradas semelhanças em quintais da Paraíba, conforme demonstra Freire et al. (2005). Como alternativa de proteção, alguns moradores constroem pequenos cercados utilizando redes de pesca velhas nas plantações, mantendo os animais à solta. São alimentados principalmente com grãos de milho adquiridos no mercado e com as sobras de alimentos das famílias.

O manejo realizado nos quintais é simples, frequentemente caracterizado pela mão de obra familiar. Na manutenção dos quintais, o manejo tem papel fundamental e está relacionado com o conhecimento do agricultor, que através da sua experiência com a terra contribui com o avanço do sistema. Diariamente os moradores limpam a área próxima às casas varrendo as folhas e enterrando-as ao redor dos coqueiros, prática realizada para evitar que animais como cobras, por exemplo, se acomodem nelas e possam causar acidentes. Verificou-se que as podas das espécies frutíferas não são freqüentes, sendo retirados apenas os galhos secos ou doentes dos coqueiros e mangueiras, ou seja, realizada apenas a poda de limpeza.

No mês de março, com o início das chuvas, os moradores capinam a área utilizando enxadas. Alguns separam e deixam o mato secar para fazer cobertura morta, outros queimam e em seguida são feitos os canteiros, “covetas” e “covetões”, elevações de terra construídas nos locais passíveis de inundação. Especialmente nas “covetas” e “covetões”, o solo é elevado a uma altura de 0,30 a 0,50 metros, assim manejados com o intuito de evitar que as raízes das plantas cultivadas fiquem expostas ao excesso de umidade do solo (“terra fria”, na leitura dos agricultores) (CURADO et al., 2007). O consórcio é um hábito presente nos quintais como forma de aperfeiçoar o uso da terra. É comum o consórcio entre milho e feijão; mandioca e feijão; milho e mandioca ou a organização das três culturas no mesmo “covetão”.

Além da forma semelhante no preparo da terra, também pode ser observado no trabalho de Curado et al (2007) o consórcio entre as mesmas culturas.

As formas de plantio mais comuns são através de sementes, estacas ou ramas que, são obtidas a partir da troca e/ou doação dos vizinhos ou de outras comunidades. Esse intercâmbio é de grande importância para a conservação dos recursos genéticos da região. Situação semelhante pode ser observada também em quintais no Amazonas (PEREIRA et al., 2007) e em Goiás (VIEIRA, 2009). Outra prática comum é a separação de uma parte da área para produção de sementes, que são armazenadas em garrafas descartáveis tipo PET e utilizadas na plantação do ano seguinte.

Nas plantações, a utilização de insumos como adubos não é freqüente. No entanto, identificaram-se alguns moradores que utilizam esterco de galinha, de gado e mesmo adubos químicos no momento em que estão preparando os "covetões", porém sem nenhuma orientação técnica. Observou-se que não são adubadas as frutíferas, com exceção do coqueiro, que é priorizado devido à comercialização de sua produção.

De modo geral, observou-se que os quintais da Ilha Mem de Sá apresentam características marcantes inerentes aos princípios da Agroecologia, como a diversificação na área, a troca de sementes entre os moradores e a valorização do saber popular.

Outro importante resultado da pesquisa nesta comunidade foi a articulação e mobilização dos moradores em torno da valorização e enriquecimento dos quintais através da unidade demonstrativa (UD). Para o desenvolvimento da UD, foi inicialmente realizada uma reunião para sensibilizar a comunidade em relação à produção agroecológica. Nessa reunião buscou-se evidenciar a importância dos quintais produtivos, da biodiversidade, da valorização dos saberes tradicionais, enfim, enfatizar alguns princípios da Agroecologia. A partir desta reunião foi criado o "grupo dos quintais", composto inicialmente por 13 moradores. Tais moradores tinham o papel de representar os agricultores no processo de pesquisa participativa, envolvendo-se também no planejamento das atividades para o desenvolvimento/enriquecimento de quintais, na gestão da pesquisa, na mobilização da comunidade, no monitoramento e avaliação dos resultados. Experiências com UD de cunho agroecológico podem ser observadas também em aldeias como demonstra Allemann et al. (2010).

Com este grupo foram efetuados encontros com apresentação de vídeos demonstrando a experiência de outras comunidades no cultivo de quintais agroecológicos e a realização da dinâmica de elaboração de desenhos dos espaços ao redor da casa pelo grupo com o objetivo de estimular o conhecimento dos próprios quintais. Após a sensibilização, período em que foi enfatizada a importância dos quintais e das práticas agroecológicas, iniciou-se a instalação da UD com o propósito de potencializar os sistemas utilizados tradicionalmente pela comunidade, aumentando a diversidade nos quintais. A escolha do local se deu em uma oficina na comunidade onde dois participantes disponibilizaram áreas para a instalação da UD. As duas áreas apresentavam características semelhantes e a seleção foi feita em função da proximidade dos poços, para facilitar a irrigação dos cultivos.

A UD foi implantada com a instalação de uma horta, escolha do grupo, por ser uma prática que não é realizada frequentemente por todos os componentes. Durante as oficinas de diagnóstico, os moradores destacaram a importância da produção de hortas em seus quintais e a identificaram como uma demanda para instalação da UD, uma vez que poderia ser uma ferramenta útil para capacitação, divulgação e ampliação das hortas na ilha, contribuindo também para a segurança alimentar da comunidade. O trabalho foi

iniciado com a roçagem da área, separando os restos vegetais e outros resíduos para posterior utilização. Em seguida, foram definidas, coletivamente, as hortaliças de interesse.

Foram então construídos os canteiros e realizados os plantios e a cobertura com o material resultante da limpeza da área. Ao longo da implantação foram adotadas práticas de manejo com princípios agroecológicos: obtenção do húmus para adubação da própria área e posteriormente para a comercialização por meio da compostagem e vermicompostagem. Além de hortaliças, foi cultivado milho em consórcio com feijão guandu (*Cajanus cajan* L.) e feijão de porco (*Canavalia ensiformes* L.) como prática de adubação verde, em que plantas como essas leguminosas são utilizadas com o objetivo de melhorar as condições físicas e biológicas do solo e disponibilizar nitrogênio para as culturas. Foram também cultivadas plantas medicinais dos próprios integrantes do grupo, batata doce (*Ipomoea batatas* L.), abóbora (*Cucurbita pepo* L.), macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz.) e banana (*Musa* spp.). A adoção das tecnologias se deu através das oficinas que contribuíram para que os agricultores internalizassem e adotassem as práticas como o consórcio com leguminosas, melhorando o manejo do solo em seus próprios quintais.

Após a implantação, os agricultores se organizaram para a realização das atividades de manejo da horta (irrigação, controle manual das plantas espontâneas, raleamento, controle manual de lagartas) e realizaram a primeira colheita e divisão da produção entre os envolvidos e a comercialização do excedente na própria comunidade. Observou-se que em torno das atividades realizadas na UD ocorreu um significativo envolvimento dos moradores da ilha, até mesmo de alguns que em um primeiro momento ficaram afastados. A implantação participativa das UDs proporciona intercâmbios constantes entre os participantes, criando uma grande oportunidade para construção do conhecimento agroecológico. Bastos e Brasil (2008) utilizaram as UDs no Mato Grosso como estratégia na contribuição da transição agroecológica na utilização das Áreas de Preservação Permanenetes. Já Dutra et al (2011), relatou a utilização das UDs como instrumento de fortalecimento da valorização dos quintais agroflorestais para quebradeiras de babaçu. Outras formas de utilização das UDs está relacionada com a recuperação de áreas degradadas, conforme demonstrado por Bechara et al, (2007), e, especificamente na Amazônia (Fernandes e Nascimento, 2009), favorecendo a compreensão de indígenas sobre sistemas agroflorestais.

Considerações finais

O presente estudo permitiu destacar a importância dos quintais para a comunidade e o potencial deste espaço para a geração de alimentos, contribuindo diretamente na segurança alimentar e nutricional, e na manutenção da agrobiodiversidade nesses espaços. A Unidade Demonstrativa atendeu de forma positiva a proposta, pois se observou que os moradores se sentiram estimulados com as experiências, levando-as para seus próprios quintais. Porém, os jovens não tiveram muito interesse nesse tipo de informação, havendo a necessidade de uma sensibilização maior, principalmente através da escola, com oficinas de produção de canteiros medicinais, no sentido de manter esse conhecimento vivo. Espera-se que além do grupo, outras pessoas também se sintam motivadas a adotar práticas que incrementem a produção e dar continuidade às produções nos quintais, para que o saber tradicional e valores da comunidade se mantenham valorizados.

Agradecimentos

Os autores agradecem a comunidade Mem de Sá, especialmente ao grupo dos quintais pela confiança e acolhimento e a FAPITEC/SE - Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe pela bolsa concedida à segunda autora.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, E. M. Avaliação da técnica de amostragem "Respondent-driven Sampling" na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas. Dissertação (Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: U.P. ALBUQUERQUE, R.F.P. LUCENA; L.V.F.C. CUNHA (eds), **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. NUPEEA, Recife, p. 39–64, 2010.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; LINS NETO, E.M.F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: U.P. ALBUQUERQUE, R.F.P. LUCENA, L.V.F.C. CUNHA (eds). **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. NUPEEA,Recife, p. 21–38,2010.

ALLEMANN, R. et al. **Sistemas Agroflorestais: Unidades demonstrativas de quintais e área comunitária nas aldeias Guarani no município de São Paulo**. Disponível em www.sct.embrapa.br/cdagro/tema04/04tema05.pdf. Acesso: 18/04/2012.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba: Agropecuária, 592 p., 2002.

AMARAL, C.N.; NETO, G.G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMBRÓSIO, L.A. et al. Diagnóstico da contribuição dos produtos do quintal na alimentação das famílias rurais: microbacia d'água f, vera cruz. **Informações Econômicas**, SP, v.26, n.7, p. 27-39, 1996.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Série Botânica)** v. 4, n. 1, p. 47-131. 1988.

BADKE, M.R.; et al. Plantas medicinais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular, **Esc. Anna Nery**, v.15, n.1, p. 132-139, 2011.

BASTOS, Y.F.; BRASIL, I.C.P. Impacto Ambiental, Agroecologia e Reforma Agrária: Fatores que influenciam a transição agroecológica em Áreas de Preservação Permanente (APPs) no projeto demonstrativo do assentamento Jaraguá – Água Boa – MT. In: Encontro Nacional da Anppas. **Anais...** Brasília, 2008.

BBECHARA, F. C. et al. Unidades Demonstrativas de Restauração Ecológica através de Técnicas Nucleadoras de Biodiversidade. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 5, p. 9-11, 2007.

BRITO, M.A.; COELHO, M.F.B. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais-unidades auto sustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, Cuiabá - MT, v. 1, n.4, p. 7-38, 2000.

CAPORAL, F.R. et al. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In: **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasilia, p. 9-64, 2009.

CHAMBERS, R. **Agricultores experimentadores e pesquisa**. Rio de Janeiro: PTA, p.44, 1989.

CURADO, F.F. et al. Sociabilidades no contexto dos sistemas de produção na Baixada Litorânea de Sergipe. **Rev. Bras. de Agroecologia**, v. 2, n. 2, p. 1365-1368, 2007.

CURADO, F.F. et al. Gestão Participativa para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Ilha Mem de Sá, Itaporanga D'Ajuda, Sergipe. **Rev. Bras. de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 2015-2017, 2009.

DUTRA, N. C. M. et al. Quintais agroflorestais: alternativa para segurança alimentar de quebradeiras de coco babaçu. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, 2011.

FERNANDES, R.S.; NASCIMENTO, P.A.C. Formação de jovens cientistas indígenas na Comunidade TunuÍ Cachoeira. **T&C Amazônia**, n. 16, 2009.

FLORENTINO, A.T.N. et al. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE,

Brasil. **Acta Bot. Bras.** v. 21, n. 1, p. 37-47, 2007.

FREIRE, A.G. et al. No arredor de casa,os animais de terreiro. **Agriculturas**, v. 2, p. 20-23, 2005.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 652 p. 2001.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C.N. **Aspectos Etnobotânicos de Quintais Tradicionais dos Moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil**. Polibotánica. Disponível na Internet: -http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=62112471010.

LIMA, R.M.B.; SARAGOUSSI, M. Floodplain home gardens on the Central Amazon in Brazil. In: JUNK, W. J. et al. (Eds.). **The Central Amazon floodplain: actual use and options for a sustainable management**, Leiden: Backhuys, p. 243-268, 2000.

PASA, M. C. Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil, 2004. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 174p., 2004.

PASA, M.C.; SOARES, J.N.; GUARIN-NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Act. Bot. Bras.** v. 19. p 195-207, 2005.

PEREIRA, K.J.C.; REIS, S.R.; VEASEY, E.A. Saber tradicional e manejo de paisagens agroflorestais: o caso dos quintais de terra-firme da reserva de desenvolvimento sustentável Amanã, Amazonas. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, p. 562-565, 2007.

PETERSEN, P. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. **Rev. Agriculturas: experiências em Agroecologia**, Ed. Especial - Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Pp.10, 2009.

SANTANA, M.C.S. O trabalho faz e (re)faz o gênero: rede de pescarias e Catações na Ilha Mem de Sá/Se. In: Seminário Internacional fazendo o gênero. **Anais**.., Santa Catarina, 2010.

SANTANA, T.H.B. et al. Comportamento de acessos de sambacaita e secagem de folhas colhidas na época seca. In: Congresso Brasileiro de Olericultura. **Anais**, Goiania, 2006.

SANTOS, S. Um estudo etnoecológico dos quintais de Alta Floresta-MT, 2004. 166 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

SEPLAN-SE/SUPES/GIGEC. Secretaria de Estado do Planejamento de Sergipe. Superintendência de Estudos e Pesquisas. Gerência de Informações Geográficas e Cartográficas. **VEJA SERGIPE: Visualizador da base cartográfica dos municípios litorâneos**. DVD-ROM. Aracaju, 2008.

SILVA, A.J.R.; ANDRADE, L.H.C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Bot. Bras**. v. 19, n. 1, p. 45-60. 2005.

SIMÃO, C.G. **Levantamento Etnobotânico em Quintais de Comunidades Remanescentes de Quilombos.** Disponivel em: http://www.mocambos.org/textos/levantamento-%20Etnobotanico-em-Quintais-de-Quilombo.pdf/view. Acesso: 10/05/2012.

WINKLERPRINS, A.M.G.A. House-lot gardens in Santarém, Pará, Brazil: linking rural with urban. **Urban Ecosystems** v. 6, p. 43-65, 2002.